

Fernando Pessoa

VICENTE: Todos, oh mestre, têm horror à morte...

[VICENTE]:

Todos, oh mestre, têm horror à morte...

FAUSTO:

Ah não me ofendas com palavras vãs
O horror do pensamento. Ninguém
Como eu teve esse horror, nem poderá
Nas veias e na alma e no sangue
Tê-lo tão íntimo, tão internado
Tão feito um comigo.

Ah,

São as primeiras, únicas palavras
Em que a outro mostrei parte do ser.
Tu não as compreendeste, nem podias,
Nem nunca poderás. Tenta esquecer...
Nunca mais me ouvirás falar assim...
Estava ainda só comigo n'alma
E falava comigo respondendo-te.
Mas dize-me a que vinhas.

[VICENTE]:

Vinha... eu...

Eu vinha... ah... eu vinha procurar-vos
Para falar... nada... Já me retiro.
Estais febril, mestre, sim, sim, vejo bem
E os vossos olhos brilham não sei como,
Que...

FAUSTO:

Dize.

[VICENTE]:

Que...

FAUSTO:

O quê?

[VICENTE]:

Que me apavora.

FAUSTO:

Escuta, aproxima-te, é a primeira
Vez que direi o que te digo. Tu
Não compreenderás talvez ainda,
Nem nunca... a essência do que digo
Nunca, ai nunca. Escuta-me Vicente,
São as últimas palavras que direi.
Não compreendes isto,
Não tomes susto. Escuta.

O mundo

Encerra um sonho como realidade
E em cada seu fragmento — não me entendes (
Vive todo.

Interpenetração de (...)

E complexos mistérios desconhecidos.

As figuras de sonho não conhecem

O sonho (...) de quem são figuras,

Porque o mundo não só é (...) sonhado

Mas é dentro dum sonho um outro sonho

Em que sonhados são os sonhadores

Também. Tu compreendes?

[VICENTE]:

Vagamente.

FAUSTO:

Possas tu sempre assim compreender

Como todos na terra que existiram

Menos um.

[VICENTE]:

Cristo?

FAUSTO:

Cristo? Quem é Cristo?

Ah ri-te, ri-te desta distracção,

Desta pergunta minha, de alheado

Que ando do meu próprio ver e ouvir

Feito. Deixemos isto, pois Lembra-me

Uma coisa a que podes responder.
Diz-me que pensas
Do orgulho? De imperadores, reis
E príncipes da terra e seu orgulho?
Que pensas?

[VICENTE]:

Eu? Do orgulho? Julgo-o vão.

FAUSTO:

Todo o orgulho vão?

[VICENTE]:

Todo o orgulho.

Assim mo ensinaram, assim creio
E assim razoável me parece.

FAUSTO:

Mas o orgulho do génio, desse que sente
Retratar-se no espírito soturno
A ilusão de existir definida
Em mistérios e abismos e visões?
E o desse?

[VICENTE]:

O talento é dom de Deus.

Não sei que orgulho haverá em tê-lo
Como se fora coisa produzida
Pelo próprio. Por que quereis saber?

FAUSTO:

Eu? Nada. O talento é dom de Deus.
E o orgulho não é dom de Deus?

[VICENTE]:

Por, parecendo humano que é nascido
Da vã contemplação, como direi?
Da maravilha de si mesmo. Eu,
Se fosse talentoso — não o sou (
A Deus diariamente o agradecia.
Dar-me-ia prazer, mas não orgulho.

FAUSTO:

Bem agradeço-te. Deixa-me agora.
Preciso de pensar Lembrou-me súbito

Uma cousa... Logo te verei.
Continuaremos.

[VICENTE]:

Mestre, até então.

FAUSTO: (só)

Em todo os raciocínios em que vivo
Aquele (...) nunca fizera.
Como aquelas palavras me feriram!
Sim, por que ter orgulho — para quê?
Mas — ah, quantos problemas e mistérios
Essas palavras dum inconsciente
Me abrem no pensamento. Que intenso
Atropelar de (...) e teorias
De raciocínios, conclusões d'espírito
Mal geradas dentro em mim,
Não poder apagar este tormento;
Não poder despegar-me deste ser;
Não poder esquecer-me desta vida...

s. d.

Fausto — Tragédia Subjectiva. Fernando Pessoa. (Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço.) Lisboa: Presença, 1988: 61.

1ª versão inc.: "Primeiro Fausto" in Poemas Dramáticos. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de Eduardo Freitas da Costa.) Lisboa: Ática, 1952 (imp.1966, p.134).